



Número 62 | Dezembro 2023

Cadernos do escritório Pro Monialibus

Roma, Cúria Geral OFM

Comunhão e Comunicação



cTc comunione e comunicazione

Quaderni dell'Ufficio Pro Monialibus
Bollettino di collegamento fra i monasteri francescani in comunione
con l'OFM attraverso l'Ufficio Pro Monialibus

Sede dell'Ufficio Pro Monialibus

Curia Generale OFM, Via Santa Maria Mediatrice, 25 - 00165
ROMA
tel: +39 06 684919
fax: +39 06 68491294
e-mail: moniales@ofm.org

Sede della Segreteria di Redazione:

Monastero Santa Chiara
Via San Niccolò, 5 - 52044 CORTONA (AR) - Italia
tel: +39 0575 630360 / +39 0575 630388
e-mail: cortona@sorelleclarisse.org

REDAZIONE

Fr. Fábio Cesar Gomes, ofm
Ufficio Pro Monialibus, Roma

Monastero Santa Chiara, Cortona

Hanno collaborato:

Brasile: Monastero Dourados
Francia: Monastero Cormontreuil
Gabon: Monastero Libreville
Germania: Monastero Munster
Inghilterra: Monastero Arundel
Monastero Hollington
Irlanda: Monastero Galway
Italia: Mon. Assisi S. Colette
Monastero Bressanone
Mon. Città della Pieve
Monastero Lecce

Monastero Novaglie
Spagna: Monastero Allariz
USA: Federazione Clarisse di
Maria Immacolata;
Altri: Fr. Paolo Canali, ofm e
Editrice Biblioteca
Francescana (Milano, Italia)
Fr. Marco Guida, ofm (Roma,
Italia)
Fr. Russel Murray, ofm
(USA)
Mary Stronach, ofs (USA)

Índice

Apresentação	4
OFÍCIO PRO MONIALIBUS	7
Carta do Delegado Geral	7
<i>Fr. Fábio Cesar Gomes, ofm - Roma, Itália</i>	
OUVI POBREZINHAS	11
Exortação “Ouvi Pobrezinhas, pelo Senhor chamadas” (segunda parte)	12
<i>Fr. Carlo Paolazzi, ofm</i>	
PELO SENHOR CHAMADAS... ..	31
...de Mbarara, Uganda	31
<i>Ir. Mary Elizabeth Tushabe, osc</i>	
REUNIDAS DE MUITAS PARTES E PROVÍNCIAS... ..	34
...de Arundel, Grã Bretanha	34
<i>As Irmãs de Arundel</i>	
...de Roma, Italia	37
<i>As Irmãs de Roma, Itália</i>	
...de Bressanone, Italia	40
<i>Ir. Helmtrude Klara, osc</i>	
...de Porto Alegre, Brasil	45
<i>As Irmãs de Porto Alegre</i>	



Apresentação

O n. 62 de “*Comunhão e comunicação*” foi fechado quando já havíamos celebrado o oitavo centenário da aprovação da *Regra bulada*, mas ainda não o do presépio de Greccio.

Neste número escutaremos e refletiremos sobre o primeiro verso das *Palavras melódicas* que Francisco escreveu às irmãs de São Damião: “Ouvi, pobrezinhas pelo Senhor chamadas / que de muitas partes e províncias fostes congregadas”.

Fomos chamadas pelo Senhor a viver uma *Forma de vida* evangélica que encontra na *Regra bulada* uma das suas principais fontes. O Ministro Geral escreveu-nos na carta para a solenidade de Santa Clara: “A Regra de Francisco e de Clara têm uma raiz carismática comum, que se refere à “forma vitae” inicial dada por Francisco a Clara e às suas primeiras companheiras algum tempo depois de chegar a S. Damião”. De fato, quem teve a oportunidade de acompanhar a celebração na Basílica de São João de Latrão, no último dia 29 de Novembro, pôde experimentar este dom da unidade que nos faz sentir pessoalmente interpelados pela “entrega” da *Regra* feita pelo Papa à Ordem dos Menores, estimulando-nos a “crescer cada vez mais no bem”.

Chamadas pelo Senhor, nos encontramos juntas formando comunidade com irmãs que, na maioria das vezes, não conhecíamos antes. Repetimos muitas vezes que “não nos escolhemos”, mas “fomos escolhidas”. Assim, nestas páginas, algumas irmãs contam as histórias que as tornaram comunidades multiculturais no Brasil, na Itália e na Grã-Bretanha. Da Uganda, porém, chega até nós uma experiência recente de 'atualização' das *Palavras melódicas*.



Tudo isso tem uma introdução oficial e preciosa em duas partes: a carta de Frei Fábio Gomes, que nos convida a fazer uma pausa e refletir sobre as duas expressões de Francisco: “Pelo Senhor chamadas” e “De muitas partes e províncias”, e a segunda e última parte do estudo sobre *Palavras melódicas* de Frei Carlos Paolazzi.

Agradecemos sinceramente às irmãs e irmãos que tornaram possível a publicação deste novo caderno.

Convidamos a todos a nos enviarem histórias e reflexões para a próxima edição, o nº 63 que será publicado em junho de 2024. Lembramos o tema: “Vivei sempre em verdade / para que em obediência morrais”. É o próximo versículo das *Palavras melódicas*, que nos chama a refletir sobre a obediência ao Senhor, mediada pela mãe, pela comunidade, pela história..., e sobre o viver na verdade. Aguardamos com gratidão vossas histórias!

A todos e a todas uma boa leitura!

A equipe editorial



Miniatura de “Ouvi, Pobrezinhas” do Códice do Monastério de Novaglie

Ofício Pro Monialibus

Carta do Delegado Geral

Queridas Irmãs e Queridos Irmãos:

Que o Senhor vos dê a Sua paz!

Como tinha sido anunciado, neste número refletiremos sobre a primeira parte da primeira estrofe daquele poema com melodia escrito por São Francisco às Pobres Senhoras do Mosteiro de São Damião, "*Audite, Poverelle*", que diz o seguinte

*"Ouvi, Pobrezinhas, pelo Senhor chamadas,
que de muitas partes e províncias sois congregadas".*

Desta estrofe, gostaria de destacar duas expressões que proponho para nossa reflexão: "*Pelo Senhor chamadas*" e "*De muitas partes e províncias*". Começemos pela primeira:

"Pelo Senhor chamadas"

Com isso, penso que Francisco está dizendo, em primeiro lugar, que Clara e suas irmãs se reuniram em São Damião não por iniciativa própria, não por uma imposição social ou um capricho pessoal, nem mesmo por afinidade de sangue, mas porque cada uma delas ouviu com o ouvido do coração (*Audite*) e acolheu com total disponibilidade (*Poverelle*) o maior de todos os benefícios recebidos do Pai de toda misericórdia (TestCl 2), isto é, a santa vocação, o chamado para "seguir a vida e a pobreza de nosso altíssimo Senhor Jesus Cristo e de sua santíssima Mãe" (RegCl 6,7), para "observar o santo Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem nada de próprio e em castidade" (RegCl 1,2).

Como nos lembrou o nosso Ministro Geral, frei Massimo Fusarelli, em sua carta por ocasião da solenidade de Santa



Clara deste ano, nos encontramos aqui “no centro daquela ‘inspiração divina’ que conduz quem é chamado a ‘abraçar esta vida’, antes do que em uma série de preceitos e comportamentos. O Evangelho é a regra que põe Francisco e Clara no caminho, dando uma nova forma a toda a sua vida, graças ao ‘ter o Espírito do Senhor e sua santa operação’”. É Ele quem anima um caminho sempre novo, que une Evangelho e vida, Regra e escolhas quotidianas, grandes e pequenas”¹.

"Pelo Senhor chamadas"

Foi, portanto, por inspiração divina (RegCI 2,1), ou seja, pelo chamado do Senhor Deus através do Espírito, que Clara e suas irmãs superaram todos os obstáculos para viverem juntas o mesmo modo de vida: a vida segundo a forma do Santo Evangelho, "a forma de vida e o modo da santa unidade e da altíssima pobreza" (RegCI 16). E foi essa mesma inspiração divina que moveu tantas "*Poverelle*" que, nesses mais de 800 anos de história, ouviram e responderam generosamente ao chamado do Senhor.

Assim, podemos dizer que no chamado do Senhor a Clara e, por que não dizê-lo, naquela profecia de Francisco enquanto restaurava a igreja de São Damião e que se cumpriu em Clara e suas primeiras companheiras (cf. TestCI 13-14; 2Cel 13; 2Cel 204; 3Comp 24), todas as Irmãs, presentes e futuras (BenCI 5), já estavam lá, porque foi o sim de Clara que tornou e continua a tornar possível o sim de cada Irmã nestes mais de 800 anos.

E aqui somos levados quase que naturalmente à segunda expressão sobre a qual queremos meditar:

"De muitas partes e províncias"

De fato, desde os seus primórdios, a comunidade de São Damião acolheu mulheres, nobres ou não, letradas ou analfabetas, provenientes não somente de Assis, mas também de diversos lugares (como se pode comprovar pelos nomes das testemunhas do processo de canonização



de Clara, por exemplo: Benvinda de Perugia, Francesca de messer Capiteao de Coldimezzo, Lúcia de Roma, etc.); além do que a São Damião se referiam irmãs de culturas muito diferentes, como o testemunha a correspondência de Clara com Agnes de Praga e Ermentrudes de Bruges. De fato, em pouco tempo, a vida de São Damião se espalhou por todo o continente europeu e, sucessivamente, por todos os outros continentes, de modo que podemos dizer que a forma de vida de Clara está presente hoje em quase todas as latitudes da Terra. Como é bonito perceber, por ocasião dos encontros e das visitas que o Senhor me dá a graça de realizar, os diferentes traços culturais do mesmo rosto de Clara!

“De muitas partes e províncias”

Isso também ficou muito evidente nas respostas aos dois questionários enviados às vossas comunidades durante as duas primeiras etapas (a do “olhar” e a do “considerar”) do processo de revisão de vossas Constituições Gerais. De fato, a Ordem das Irmãs Pobres de Santa Clara está se tornando cada vez mais multicultural e internacional, pois dentro de uma mesma comunidade ou de uma Federação há Irmãs de diferentes regiões de um país e de países diferentes, de diversas origens étnicas e culturais e provenientes de diferentes classes sociais.

Esta realidade representa, antes de tudo, uma grande graça, porque oferece a todas novas possibilidades de encarnar o mesmo carisma que, tendo origem no Evangelho, é tão grande e profundo que não pode ser contido e expresso através de uma única sensibilidade cultural. No entanto, essa mesma realidade representa um grande desafio, porque somos chamados, por um lado, a uma profunda recíproca aceitação e integração das nossas diferenças, superando preconceitos que às vezes inconscientemente nos condicionam, e, por outro lado, a um profundo discernimento, procurando verificar, em cada situação, até que ponto certos traços culturais estão em



sintonia com o Evangelho e, conseqüentemente, com a essência do carisma.

Por isso, acredito que também desta vez, como fizemos na nossa reflexão do número passado com as palavras "Audite" e "Poverelle", devemos manter juntas as duas expressões:

"Pelo Senhor chamadas" e "De muitas partes e províncias"

De fato, como o Ministro também nos recordou em sua Carta, "precisamente hoje somos chamados a 'manter juntos' o essencial do carisma, que une a todos, juntamente com as diferenças", porque "uma unidade que esmaga é irreal, assim como a diversidade a todo custo, deliberadamente sem um núcleo comum, é prejudicial!"².

Portanto, trata-se de viver, a partir de todas as culturas e para além delas, a nova vida que brota do Evangelho, conscientes de que, em sentido espiritual, antes de provir de uma nação ou cultura específicas, enquanto cristãos, todos nascemos da Páscoa de Cristo e, enquanto Clarissa, cada irmã nasceu do "Sim" de Clara ao chamado do Senhor.

Parece-me que é precisamente a partir desta profundidade que seremos capazes de viver mais e melhor naquela santa unidade que nasce "do amor mútuo e da paz" (RegCl 4,22) e, assim, neste mundo dilacerado por tantas guerras, incluindo aquela na Terra Santa que ocorre enquanto escrevo estas linhas, seremos capazes de ser um sinal de esperança para tantos que já a perderam.

Deus vos abençoe.

*Frei Fábio Cesar Gomes, OFM
Delegado Geral Pro Monialibus*

¹ Carta do Ministro Geral para a Solenidade de Santa Clara: [S Chiara LETTERA MG 2023 PT.pdf](#), p. 2.

² Idem, p. 3.

Ouvi Pobrezinhas



*Francisco entrega a Regra a Clara
(Miniatura do Códice do Mosteiro de Novaglie)*



Exortação «Ouvi Pobrezinhas pelo Senhor chamadas»

Fr. Carlo Paolazzi, ofm

(Continuação do [número 61](#))

Concluída a primeira parte das reflexões, que marca nos seus momentos essenciais todo o itinerário espiritual das filhas e servas do Sumo Rei, Francisco continua admoestando que uma vida de pobreza, de caridade e de obediência à vontade do Pai não surge do conselho da prudência humana, mas da voz interior do Espírito:

Não guardeis a vida de fora,
porque a do espírito é melhor (vv. 5-6).

Numa primeira leitura pode parecer que com a expressão “vida de fora” Francisco pretende referir-se à vida secular da qual ele próprio emergiu um dia com a sua conversão⁵³, e a contrasta com a vida “interna” do mundo claustral, definida quase por excelência “vida do espírito”. A exortação permitir-nos-ia, portanto, vislumbrar na fraternidade de São Damião “situações psicológicas, provações, penas insuspeitas que podem levar-nos a olhar com nostalgia para a vida vivida fora do mosteiro”⁵⁴, com o risco de incorrer na grave advertência evangélica que Francisco cita na Regra para os seus frades: «Ninguém que põe a mão no arado e depois olha para trás é apto para o Reino de Deus»⁵⁵.

Excluir totalmente das palavras de Francisco alguma alusão velada nesta direção talvez fosse excessiva, dado o tom sincero com que ele em outros lugares lembra a si mesmo e aos seus irmãos que «já que abandonamos o mundo, não temos nada a fazer senão seguir o caminho da vontade do Senhor e agradar somente a Ele»⁵⁶. Contudo, o cerne profundo do convite às «pobres senhoras» é certamente diferente. Em primeiro lugar, é impensável que



Francisco, nos mesmos dias em que imaginou enviar os seus frades ao redor do mundo para abrirem os seus corações à alegria espiritual, gritando a todos «Laudate et benedicete mi' Signore et regraziate, / et serviateli cum grande humilitate»⁵⁷, contrastou de forma tão dura e contundente a vida de clausura «do espírito» (provavelmente escrita «do Espírito») com a vida «de fora» daqueles fiéis seculares, aos quais na Carta que lhes dirigiu ele reservou a descrição mais elevada e comovente da vida cristã como uma habitação trinitária que veio do seu coração e das suas penas⁵⁸.

Além disso, observou-se com razão que, na *Exortação*, a vida «de fora» não é contrastada com a vida «dentro» do mosteiro, mas com a abertura interior ao Espírito de Deus⁵⁹ e, portanto, com a coerência interna dos planos de tal significado «vida de fora» aludirá de alguma forma à busca (mundana e pseudo-religiosa) de formas de exterioridade, que se opõem à «santidade interior do Espírito», como explica uma densa página da primeira *Regra* para os frades menores: «Defendamo-nos da sabedoria deste mundo e da prudência da carne. O espírito da carne, de fato, quer e se preocupa muito em possuir palavras, mas pouco em colocá-las em prática, e não busca a religiosidade e a santidade interna do espírito, mas quer e deseja ter uma religiosidade e uma santidade que *apareça externamente [foris apparentem]* aos homens... O espírito do Senhor, ao contrário, quer que a carne seja mortificada e desprezada, vil e abjeta, e busca a humildade e a paciência e a paz pura, simples e verdadeira do Espírito; e deseja sempre o temor divino e a sabedoria divina e o amor divino do Pai e do Filho e do Espírito Santo»⁶⁰.

Contra o pano de fundo deste contraste, a conclusão de que a vida do espírito «é melhor» parece completamente irrepreensível. A frase implica ecos dos módulos de sabedoria («a sabedoria é melhor do que qualquer coisa mais preciosa», Pv 8,11) e talvez até um eco daquela página



evangélica em que, diante da ocupação de Marta com muitos serviços, Jesus afirma que a contemplativa Maria «escolheu para si a melhor parte, que não lhe será tirada» (Lc 10,42). O contraste não é entre o bem e o mal, mas entre o bem e o melhor. Dizer a uma comunidade de contemplativas, reunidas como Marta e Maria em torno de Jesus, que a vida do espírito «é melhor», significa então convidá-las a procurar o essencial versus o inessencial, reafirmando a primazia do ser e da vida interior diante do “fazer”, ainda que animado pelas melhores intenções, proclamar a excelência do Espírito que fala e vive no coração sobre formas de comportamento religioso que dependem de observâncias externas.

Porque Francisco sabe muito bem que a busca da exterioridade (a vida de fora) pode insinuar-se de forma sutil até na experiência quotidiana dos religiosos, e insiste repetidamente que os seus frades tenham cuidado com isso, a quem escreve assim na *Carta a toda a Ordem*: «...rogo, como posso,... que os clérigos rezem o Ofício com devoção, diante de Deus, não se preocupando com a melodia da voz, mas com a consonância da mente, de maneira que a voz concorde com a mente e a mente concorde com Deus, para que possam, pela pureza de coração, agradar a Deus, em vez de acariciar os ouvidos das pessoas com a suavidade do canto»⁶¹. Para as “senhoras pobres” reunidas no clima de oração e de escondimento em São Damião, as oportunidades ou tentações de ostentar a religiosidade são certamente menores do que as dos frades envolvidos no apostolado, mas a ameaça pode assumir as formas mais sutis e enganosas, penetrando até no coração de uma vida segundo o santo Evangelho:

Eu vos peço, com grande amor
Que tenhais discrição a respeito
das esmolas que vos dá o Senhor (vv. 7-8).

Os leitores modernos estão bastante divididos e incertos ao indicar qual é o significado profundo da exortação



confiada por Francisco nestes dois versículos, ao mesmo tempo em que concordam em fazer uma leitura completamente desligada dos dois versículos anteriores, aos quais, pelo contrário, parecem intimamente ligados pela presença da rima, segundo uma norma constante no *Cântico* e também ativa nos demais “versos” do nosso texto. A questão fundamental diz respeito ao significado que se deva atribuir à expressão «tenhais discrição»: será um convite ao uso misericordioso da esmola? ou, pelo contrário, um lembrete do rigor da pobreza?

O único outro lugar nos escritos de Francisco onde a “discrição” está ligada ao exercício da pobreza não resolve completamente o dilema: «Onde há *misericórdia* e *discrição*, não há supérfluo nem rigidez»⁶². Parece entender-se que, se é a «misericórdia» que vence a «rigidez», cabe à «discrição» eliminar o «supérfluo», mas Francisco aqui e no resto da admoestação insiste em apresentar duplas de virtudes que caminham juntas e complementam-se e, portanto, é a “discrição misericordiosa”, e não uma só das virtudes gêmeas, que dissolve simultaneamente as sombras do excesso e do defeito no uso dos bens concedidos pelo Senhor.

No nosso caso, portanto, o problema será saber a qual dos dois riscos opostos de «supérfluo» e de «dureza» Clara e as suas «senhoras pobres» estavam expostas: e aqui um raio de luz útil é aberto pela informação fornecida pelos textos legislativos e biográficos. Em São Damiano, o jejum é a condição habitual de uma fraternidade nupcial que vive a ausência do Esposo⁶³ e espera vigilantemente o seu regresso, como dita a Regra: «As irmãs devem jejuar sempre»⁶⁴. Numa das cartas a Inês de Praga, que lhe pediu conselhos sobre o assunto, Clara explica detalhadamente as formas e os limites deste jejum contínuo, que permitia apenas uma refeição por dia: «Na tua prudência saberás certamente que, exceto as fracas e as enfermas - em relação aos quais [Francisco] nos ensinou e nos ordenou a usar toda a discrição [omnem discricionem] com qualquer



tipo de comida - nenhuma de nós, que somos saudáveis e robustas, deve comer outra coisa senão alimentos quaresmais, tanto nos dias de semana como nos feriados, jejuar todos os dias exceto aos domingos e na Natividade do Senhor, dias em que podemos comer duas vezes. E mesmo às quintas-feiras, nos períodos sem jejum, cada uma pode fazer como quiser, ou seja, quem não quiser jejuar não é obrigado. «Mas nós, que gozamos de boa saúde, jejuamos todos os dias, exceto aos domingos e no Natal». Mas a informação mais esclarecedora para nós é que Francisco, já fraternalmente solícito de uma discipulação esclarecida (observe o termo!) para com os fracos e doentes, havia regulamentado todo o assunto com um escrito específico de sua autoria, que tendia a moderar ainda mais os rigores ascetas das «pobres senhoras»: «No entanto, não somos obrigadas a jejuar - como nos ensinou o Beato Francisco num dos seus escritos - durante todo o tempo pascal e nas festas de Nossa Senhora e dos Santos Apóstolos, a menos que caiam em uma sexta-feira»⁶⁵.

E isso não é tudo. Com Clara, que havia embarcado em formas de mortificação corporal que talvez, como observa seu biógrafo, «em vez de falar sobre isso, seria melhor silenciar»⁶⁶, Francisco teve de intervir com autoridade para limitar os excessos da abstinência de alimentos, porque o jejum praticado segundo a regra comum em São Damião não parecia suficiente para o ardor da mulher frágil e forte: «E admire, ó leitor, o que você não poderia imitar: por três dias da semana, ou seja, na segunda, quarta e sexta-feira, durante essas Quaresmas [= Advento e Quaresma Maior], ela se abstinha completamente de qualquer alimento. Assim, um após o outro, alternavam-se sucessivamente dias de pouca alimentação e dias de completa abstinência: como se a véspera do jejum perfeito fosse relaxada por um dia festivo a pão e água. Não é de se admirar que tal rigor, mantido por um longo período, tenha predisposto Clara à doença, consumido suas forças e enfraquecido seu físico. Por isso, as filhas, muito devotadas à sua santa mãe,



sofriam por ela e lamentavam com lágrimas as mortes diárias às quais ela se submetia voluntariamente. Finalmente, o bem-aventurado Francisco e o bispo de Assis proibiram a Santa Clara aquele jejum extenuante de três dias, ordenando-lhe que não deixasse passar nenhum dia sem comer pelo menos uma onça e meia de pão»⁶⁷.

No caminho para interpretar e viver a loucura do amor e do seguimento de Cristo, já há algum tempo que se travava um estreito diálogo entre Francisco e as filhas e servas do Rei que viviam em São Damião, onde Clara se sentia chamada a queimar e a consumir-se como vela e Francisco exortava a ela e às suas irmãs os deveres de uma *discrição* misericordiosa: um termo recorrente, como vimos, nas suas exortações para moderar o rigor ascético do jejum, e que portanto o santo poderia aplicar genericamente ao problema da esmola na certeza de ser compreendido. E de fato o bem informado autor das informações contidas na *Legenda perusina*, que tomamos como guia, situa a *Exortação* no contexto da preocupação paternal e fraterna de Francisco pelas «pobres senhoras», ilustrando sem hesitação o ponto que nos interessa plenamente em harmonia com as fontes paralelas que acabamos de citar: «Portanto, sabendo Francisco que as irmãs, desde o início, levaram e levam uma vida dura e pobre, tanto por vontade própria como por necessidade, voltava-se para elas com sentimentos de piedade e amor. Portanto, naquele cântico... ele recomendava especialmente que, usando as esmolas que o Senhor lhes enviava, elas providenciassem o necessário aos seus corpos, com discrição [*discrete*], com alegria e ação de graças...»⁶⁸.

Neste mesmo sentido o convite à “discrição” deve ter sido compreendido e meditado por Clara, se na carta já citada a Inês de Praga ela concluiu assim: «Mas como a nossa carne não é carne de bronze, nem a nossa força é a força da pedra, porque na verdade somos frágeis e sujeitos a todas as fraquezas corporais, rogo-te e peço-te no Senhor, querida, que deixes com sabedoria e discrição



[*discreta*] esta austeridade na abstinência, *indiscreta* e impossível, que eu soube teres empreendido, para que enquanto viveres sua vida seja louvor ao Senhor e para que prestes a seu Senhor um culto racional, e seu sacrifício seja sempre temperado com sal»⁶⁹. Mesmo no *Testamento*, as recomendações de Clara "àquela que estará no ofício de madre" revelam uma citação implícita e um modelo claro do *Ouvi, pobrezinhas*: «Que ela seja também providente e discreta para com as suas irmãs, como uma boa mãe para com as filhas, e sobretudo procure sustentá-las segundo as necessidades de cada uma, com a esmola que o Senhor dará (*de eleemosynis quas Dominus dabit*)»⁷⁰.

A área de significado em que coloca o termo *discrição* foi, portanto, claramente compreendida pelo Pe. Boccali, que já na primeira apresentação do texto sublinhou que «quando Francisco recomenda *discrição* no uso das esmolas, deve recomendar algo que corresponda à sua espiritualidade e à situação prática das irmãs: recomenda, portanto compreender quem é o grande Esmoleiro, compreendendo que a esmola é o legado deixado por Cristo aos seus discípulos, além de compreender também que se come à mesa do Senhor. Portanto, coma com o coração agradecido, com alegria, com o coração abençoado, com o coração satisfeito (mesmo e, sobretudo diante dos pedaços de pão e da limitação de tais dons), evitando a austeridade excessiva»⁷¹. É sobretudo este último conselho que Francisco afirma oferecer «com muito amor», um sinal claro de que se trata de algo que lhe é particularmente caro. A força singular da expressão é indiretamente reiterada pelo fato de que, embora o termo *charitas* nos escritos do santo seja amplamente aplicado tanto a Deus como à fraternidade, este é talvez o único caso em que Francisco usa a palavra *amor* com um significado positivo em referência aos outros que não seja a Deus⁷². Faz pensar que o termo *amor*, tão implicado em componentes puramente humanos, para não dizer comprometido em usos e significados ambíguos dentro daquela literatura



cortês que Francisco conhecia bem, poderia recuperar todo o seu significado de pureza e transparência originais como sinônimo de “caridade” na relação com Clara e as “senhoras” de São Damião. A oração “com grande amor” permite assim emergir uma vibração secreta de ternura na entonação sóbria e austera da *Exortação*, tão diferente da entonação elevada e submissa do *Cântico do Irmão Sol*⁷³.

Neste ponto, temos alguns elementos para resolver o problema da conexão entre as considerações dos vv. 5-6 (superioridade da vida do espírito sobre aquela «de fora») e os dos vv. 7-8 (uso “discreto” da esmola), que para mais de um leitor parecia distante, mesmo que «não... totalmente alheio: é a superioridade da vida do espírito que exige discricção no uso do que “dá o Senhor”»⁷⁴. Mas se as notas de comentários fornecidas nas páginas anteriores forem persuasivas, talvez possamos ir mais longe. Depois de ter afirmado genericamente a superioridade da vida “do espírito” sobre aquela «de fora», Francisco imediatamente aplica o princípio à situação que ele conhece bem das penitentes de São Damião, e recorda o seu pensamento de gratidão para com o “grande Esmoleiro” celestial, sugere implicitamente que mesmo a austeridade, a penitência física e em particular o jejum, quando ultrapassam os limites da discricção, podem transformar-se num sutil engano interior, na procura de «uma religiosidade e uma santidade que apareça externamente aos homens», ou resultam na satisfação ilusória da consciência daqueles que “se apropriam” das suas próprias boas obras. Tudo isto poderia levar a manchar aquela pobreza de espírito que exige antes de tudo o desapego da idolatria de si mesmo, como reitera Francisco numa das suas admoestações: «Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus (Mt 5,3). São muitos os que, aplicando-se insistentemente às orações e às ocupações, praticam muitas abstinências e mortificações corporais, mas por uma única palavra que pareça um insulto à sua pessoa, ou por



algo que lhes é tirado, escandalizam-se, tornam-se imediatamente irritados. Estes não são pobres de espírito, pois quem é verdadeiramente pobre de espírito odeia-se a si mesmo e ama aqueles que lhe batem no rosto»⁷⁵.

Quanto às possíveis implicações negativas do apelo de Francisco para moderar a austeridade do jejum, será naturalmente necessário ser muito cauteloso. Para Clara “a cristã”, por exemplo, a preocupação deve ter sido sobre os riscos físicos da abstinência excessiva, certamente não os de um desvio interior, se for razoável pensar que Francisco sabia de perto e por experiência direta o que o biógrafo mais tarde registrou do santo: «E embora normalmente aconteça que uma dura maceração física produza conseqüentemente depressão de espírito, o efeito que brilhou em Clara foi muito diferente: em todas as suas mortificações ela manteve de fato uma aparência alegre e serena, de modo que parecia não perceber ou rir da angústia do corpo. Disto podemos compreender claramente que a santa alegria de que abundava o seu interior transbordou externamente: porque o amor do coração remove toda aspereza dos flagelos do corpo»⁷⁶.

Já comentamos anteriormente o versículo da *Admoestação XXVII*: «Onde há misericórdia e discrição, não há supérfluo nem aspereza». A «discrição» recomendada por Francisco às «pobres senhoras» exclui certamente qualquer «supérfluo» que possa ofender a Senhora Pobreza, mas também acolhe em si aquela «misericórdia» que tempera e suaviza qualquer «dureza», abrindo o coração para desfrutar dos dons que o Senhor concede às suas filhas e servas.

Do conjunto de episódios e textos citados fica claro que as virtudes se tornam “irmãs” e complementares não só na mesma pessoa, mas também em pessoas diferentes habitadas pelo mesmo Espírito: e assim Clara, a contemplativa, aconselha Francisco a dar-se à vida apostólica⁷⁷, enquanto Francisco, o grande penitente, exorta



«com grande amor» Clara e suas irmãs a proverem às suas necessidades com discrição e gratidão. Consciente, como logo ficará claro, de que fala às enfermas e às irmãs que delas cuidam, implementa com as “senhoras” de São Damiano aquela linha de comportamento que Celano resumiu ao defini-lo como «severo consigo mesmo”, mas indulgente com os outros»⁷⁸. Apesar dos seus rigores ascéticos pessoais, Francisco não podia esquecer que o mandamento evangélico diz «Amarás o teu próximo como a ti mesmo»⁷⁹, e que o amor bem ordenado para consigo mesmo é uma força de equilíbrio pronta a transformar-se em preocupação pelos irmãos e irmãs. Porque a verdade suprema do cristão é o amor, e viver «en veritate», isto é, na luz misericordiosa de Cristo e do seu Espírito, significará cuidar do próprio corpo e carregar as suas enfermidades “em paz”, mas também e sobretudo todos trabalhando duro para servir e apoiar as irmãs doentes:

Aquelas que estão atormentadas por enfermidades
E as outras que por elas sofrem fadigas,
Todas vós suportai-as em paz,
Pois vendereis caro esta fadiga,
Visto que cada uma será rainha no céu
Coroadas com a Virgem Maria (vv. 9-14).

A subdivisão destes últimos versículos em dois núcleos de sentido é evidente, porque é marcada por assonâncias, mas igualmente evidente é a sua ligação interna, para a qual o esforço diário dos discípulos que seguem o seu Senhor no caminho da cruz e carregam os fardos uns dos outros⁸⁰ abrem à Páscoa a esperança da glória e da coroação futura. Sem perder de vista a unidade do todo, será útil ilustrar cada um dos dois pequenos “versos” abaixo.

Também neste caso, os documentos antigos iluminam o contexto histórico e ambiental pressuposto pelas palavras de Francisco. A fraternidade de São Damiano foi amplamente afetada pela doença, como sem dúvida resulta das *Atas* do



processo de canonização: ainda antes da morte de Francisco, Clara foi atingida por aquela enfermidade que lhe causaria «vinte e oito anos de cansaço contínuo»⁸¹, enquanto várias testemunhas recordam as doenças das quais elas ou outras irmãs foram libertadas através da oração de Clara⁸². Francisco pôde, portanto, partilhar com o pequeno rebanho de São Damião não só a glória da cruz do Senhor, mas também os pensamentos de consolação que lhe foram dados, gravemente doente, naquela noite de sofrimento e de graça em que nasceu o *Cântico do Irmão Sol*. Segundo a antiga fonte já citada no início, a "compaixão" mútua estaria na origem das «palavras sagradas com melodia» que Francisco compôs «para maior consolação às pobres senhoras de São Damião, sobretudo porque sabia que elas estavam muito entristecidas pela sua doença»⁸³.

No conjunto de versos que conclui a *Exortação*, ressoam temas e palavras já presentes no *Cântico*, onde Francisco louva o Senhor por aqueles que «*suportam* enfermidades e tribulações» e proclama «Bem-aventurados aqueles *que as suportam em paz*, que por Ti, Altíssimo, eles serão *coroados*». Não foi apenas a promessa noturna do Reino que suscitou sentimentos de paz em Francisco, mas também uma palavra que veio de mais longe, porque a força para “suportar em paz” o próprio sofrimento e o sofrimento dos outros pertence aos pacificadores da bem-aventurança evangélica, como explica a *Admoestação XV* do próprio Francisco: «Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus (Mt 5,9). Aqueles que são verdadeiramente pacíficos são aqueles que, em todas as adversidades que suportam neste mundo, pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, preservam a paz na alma e no corpo». Basta ler o famoso contraste da «alegria perfeita» para compreender até que ponto Francisco e a primeira geração franciscana compreenderam e fizeram sua a lição paulina da “glória da cruz”⁸⁴, dentro da qual todo sofrimento do corpo e do espírito pode transformar-se em



experiência de paz: naturalmente, a paz que vem do amor, não da resignação.

A *Exortação* às «pobres senhoras», porém, contém algo de novo em relação ao *Cântico*, porque o convite a aceitar com serenidade e paz a prova não diz respeito apenas às doentes, mas também às irmãs “que estão cansadas por elas” no serviço e assistência diária. Se é verdade que cada crente só é capaz de comunicar os valores religiosos que ele mesmo fez seus, mais uma vez Francisco partilha com Clara e as suas irmãs os pensamentos dolorosos e alegres que ele expressou aos seus companheiros durante uma noite sem dormir: «Queridos irmãos e meus filhos, não se preocupem em me ajudar nesta doença. O Senhor irá recompensá-los neste mundo e no próximo com o fruto do trabalho que vocês suportaram por mim, seu servo. Ele também vos recompensará por aquilo que tiverem deixado de lado para cuidar de mim... Dir-me-eis: “Nós sofremos por ti, mas em teu lugar Deus será nosso devedor!”»⁸⁵.

A experiência pessoal do sofrimento ensina Francisco a defender o tesouro da sua cruz com amor ciumento, mas ao mesmo tempo abre a sua atenção fraterna a quem sofre ao seu lado.

Portanto como sempre Francisco recomendou aos seus frades e às «pobres senhoras» o que constituiu uma das questões centrais da sua vida de “irmão menor”, porque a atenção partilhada à dor e à necessidade dos outros permeia toda a sua experiência de discípulo do Senhor Jesus, «que andava fazendo o bem e curando a todos» (Atos 10,38). Com efeito, é ele mesmo quem assinala no *Testamento* que a verdadeira “conversão” da totalidade da sua pessoa ao amor evangélico ocorreu no encontro com os leprosos, quando «o próprio Senhor me conduziu entre eles e eu mostrei misericórdia para com eles”. E ao afastar-me deles, o que me parecia amargo transformou-se em doçura da mente e do corpo»⁸⁶. A partir daquele momento, recorda São Boaventura, «inclinava-se,



com maravilhosa ternura e compaixão, para com quem sofria de algum sofrimento físico e quando notava indignidade ou necessidade em alguém, na doce piedade do seu coração, considerava-o como um sofrimento do próprio Cristo»⁸⁷. Animado por estes sentimentos, na *Regra* para os seus frades ordena que «se um deles adoecer, os outros frades devem servi-lo como eles próprios gostariam de ser servidos»⁸⁸, disposição que a «plantinha» Clara, certamente não esquecendo a *Exortação* de que estamos falando, se traduzirá numa verdadeira estratégia comunitária de assistência às enfermas, segundo o «estilo da santa unidade»: «No que diz respeito às irmãs enfermas, a abadessa seja firmemente obrigada a informar-se solícitamente por si mesma e através das outras irmãs, sobre o que a sua doença exige, tanto em termos de conselhos como de alimentação e outras necessidades, e prover com caridade e misericórdia, de acordo com as possibilidades do lugar. Uma vez que todas são obrigadas a sustentar e servir as suas irmãs doentes, assim como elas próprias gostariam de ser servidas caso contraíssem alguma enfermidade»⁸⁹.

Apesar das feridas profundas infligidas ao seu corpo pelas doenças e estigmas de Cristo, Francisco nunca se fechou em si mesmo, numa tolerância estoica e indiferente aos seus males, mas manteve-se sempre aberto ao sofrimento dos outros e aos pedidos de solidariedade, por isso a ponto de proclamar igualmente bem-aventurados aqueles que sustentam na própria carne «enfermidades e tribulações» e aqueles que trabalham para apoiar a fraqueza e o sofrimento dos seus irmãos e irmãs. Com efeito, mesmo nos últimos dias de vida, o humilde e incansável cavaleiro do amor evangélico sonhava poder tirar novas forças para se colocar novamente ao serviço dos últimos, como recorda São Boaventura: «Francisco, agora preso na carne e no espírito com Cristo na cruz, não só ardeu de amor seráfico para com Deus, mas sentiu a própria sede de Cristo crucificado pela salvação dos



homens... Disse aos frades: “Comecemos, irmãos, a servir ao Senhor nosso Deus, porque até agora fizemos pouco”. Ardeu também com um grande desejo de voltar à humildade inicial, de servir, como desde o início, os leprosos e de reconduzir o corpo agora desgastado pelo cansaço ao seu fervor primitivo... Na verdade, não há espaço para nenhum dos dois, nem enfermidade ou preguiça, onde o impulso do amor nos empurra para empreendimentos cada vez maiores»⁹⁰.

Francisco era, portanto, agora um homem colocado naquela divisão entre o tempo e a eternidade, entre as urgências históricas do Reino e a expectativa do seu cumprimento futuro, que é admiravelmente descrito na última página do Apocalipse: «os justos continuam a praticar a justiça e o santo santifica-se novamente. Eis que cedo virei e trarei comigo o meu salário, para retribuir a cada um segundo as suas obras» (22,11-12). A esperança, ou melhor, a certeza do prêmio, lhe haviam ficado claras pelas palavras muito doces que ouviu durante a noite da *certificatio*: «Irmão, diga-me: se alguém, em compensação pelas suas doenças e sofrimentos, lhe deu um grande tesouro precioso..., você não ficaria muito feliz?»⁹¹. É esta promessa consoladora que Francisco quer partilhar com as «pobres senhoras», às quais se dirige, misturando eficazmente, segundo a melhor tradição bíblica, expressões realistas e tons altos, a linguagem das parábolas do Reino com a linguagem paulina dos bons soldados e atletas que aguardam a coroa devido ao seu trabalho:

Pois vendereis caro esta fadiga,
Visto que cada uma será rainha no céu
Coroadas com a Virgem Maria (vv. 12-14).

O verbo “vender” é firmemente evangélico e evoca, entre outras coisas, as parábolas do tesouro escondido no campo (Mt 13,44) e da pérola preciosa, pela qual o comerciante vai e vende todos os seus bens (Mt 13,45-46). Francisco, porém, era filho de um comerciante, e assim como após a sua conversão transferiu a linguagem



cavalheiresca das suas aspirações juvenis para uma tonalidade religiosa, também nunca apagará o gosto pela linguagem popular - e talvez pelas piadas - assimilada na sua juventude. Exemplar a este respeito é o episódio relatado pela bem informada *Legenda dos três companheiros*, que conta que nos primeiros dias da sua conversão, «numa manhã de inverno, enquanto rezava coberto com roupas pobres, o seu irmão carnal, passando por ele, observou com ironia dirigindo-se a um concidadão: “Diga a Francisco para lhe vender pelo menos um centavo do seu suor!”. O homem de Deus, ao ouvir as palavras zombeteiras, foi tomado de uma alegria sobre-humana e respondeu em francês: “Venderei este suor, e muito caro, ao meu Senhor”»⁹². Mais tarde, a ligação entre sofrimento-ajuda fraterna-recompensa futura se tornará uma das constantes da espiritualidade de Francisco, que na primeira *Regra*, depois de ter recomendado a assistência aos enfermos, continua assim: «E peço ao frade doente agradecer por tudo ao Criador; e que deseja ser como o Senhor quer que ele seja, saudável ou doente, pois todos aqueles que Deus preordenou para a vida eterna, ele educa com as estimulantes lembranças dos flagelos e das enfermidades»⁹³. Também Clara e as suas irmãs podem, portanto, alegrar-se no seu trabalho quotidiano, recordando que «os homens perdem tudo o que deixam neste mundo, mas trazem consigo a recompensa da caridade»⁹⁴, humilde e desinteressada, que não procura a reciprocidade, mas a expectativa e as necessidades de quem sofre, como observa Francisco numa das suas ponderadas admoestações: «Bem-aventurado o servo que se dispõe a amar o irmão quando está doente e, portanto, não pode retribuir o seu serviço, por mais que ama-o quando ele está saudável e pode retribuir»⁹⁵. Somente o Deus da caridade e do amor será uma recompensa digna pelo amor.

No momento em que termina a exortação de Francisco, regressam os grandes pensamentos e com eles as queridas analogias entre a Rainha do céu e as humildes servas do



grande Rei reunidas na pequena corte de São Damião. Na antífona que marca o seu *Ofício litúrgico*, Francisco cantou: «Santa Virgem Maria, não há ninguém como tu, nascida no mundo, entre as mulheres, filha e serva do Altíssimo Rei Supremo, o Pai celeste, mãe do santíssimo Senhor Nosso Jesus Cristo, esposa do Espírito Santo»⁹⁶. É claro que ninguém no mundo se compara a Maria pela altíssima dignidade da missão e pela abismal capacidade de acolher o mistério trinitário. Mas Francisco sabe que o dom da graça realizado em Maria se renova diariamente na Igreja e se reflete de modo particular na pessoa e na vida das «pobrezinhas» reunidas em São Damião, às quais já nos primeiros tempos da sua vocação escreveu que «por inspiração divina vos fizestes filhas e servas do Altíssimo sumo Rei, o Pai celeste, e desposastes o Espírito Santo...»⁹⁷.

Agora, porém, o seu olhar vai além do caminho, do cansaço, dos curtos dias terrenos, para sonhar com o momento em que o Senhor cumprirá a grande promessa em cada um dos seus servos e servas: «Sede fiéis até à morte e vos darei a coroa da vida» (Ap 2:10). Colocada na mesma expectativa serena e confiante dos últimos acontecimentos, Clara, às vésperas de sua morte, falará assim à sua alma: «Vá em segurança e em paz, porque você terá uma boa escolta: porque aquele que te criou, bem antes te santificou; e depois que te criou, colocou em ti o Espírito Santo e sempre te guardou como uma mãe guarda o filho que ama»⁹⁸. Peregrinos e forasteiros neste mundo, na alegre expectativa do futuro, Francisco e Clara não olham para a morte como uma fratura e um desapego, mas como uma “irmã” que finalmente abre as portas ao Deus trino, que no mistério da Graça já tomou posse da alma: «porque agora está claro que a alma do homem fiel, que é a mais digna de todas as criaturas, é feita pela graça de Deus maior que o céu. Na verdade, embora os céus e todas as outras criaturas não possam conter o Criador, a alma fiel, porém, e somente ela, é sua morada e residência, e isso



apenas por causa da caridade, da qual os ímpios são privados. É a mesma Verdade que o afirma: “Quem me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei; viremos para ele e nele faremos morada”⁹⁹. E quando o Deus oculto, prêmio e coroa dos santos, for finalmente revelado, dos confins da maior alma do céu o olhar correrá com amor inesgotável e espanto para os horizontes d’Aquele que para Francisco, peregrino neste mundo, já se revelou como luz e caridade «sem começo e sem fim, imutável, invisível, indizível, inefável, incompreensível, insondável, bem-aventurado, louvável, glorioso, exaltado, sublime, exaltado, doce, amável, deleitoso e acima de todas as coisas desejáveis para todo o sempre»¹⁰⁰.

⁵³ Cfr. 2Test 3 («exivi de sæculo», «deixei o mundo»).

⁵⁴ Boccali, *Canto di esortazione*, 24.

⁵⁵ Lc 9,62; e cfr. Rb II,13 (refere-se a esta passagem Schmucki, “*Audite, poverelle*”, 140).

⁵⁶ Rnb XXII,9.

⁵⁷ Cfr. LegPer 43.

⁵⁸ Cfr. 2Fi IX,48-60.

⁵⁹ Schmucki, “*Audite, poverelle*”, 140.

⁶⁰ Rnb XVII,10-16. Ela deve ser mitigada no sentido esclarecido acima, a observação de que na primeira Regra o contraste é «para um propósito totalmente diferente». (Menichetti, *Riflessioni complementari*, 585).

⁶¹ Ord 40-42.

⁶² Am XXVII,6. Nenhuma ajuda vem do segundo lugar paralelo (que o corpo do Senhor seja “administrado a outros com discrição”, *Primeira Carta aos Guardiões* [= 1LCust] 4).

⁶³ Cfr. Mt 9,14-15; Mc 2,18-20; Lc 5,32-35.

⁶⁴ RsC III,8.

⁶⁵ 3CtIn 31-36. A página inteira é inspirada na “misericordiosa discrição” da qual fala a Ad XXVII.

⁶⁶ LegsC 17.

⁶⁷ LegsC 18.

⁶⁸ LegPer 45.

⁶⁹ 3CtIn 38-41.

⁷⁰ TestsC 63-64. A frase de *eleemosynis quas Dominus dabit* é uma tradução do verso de *le lomosene ke ve dare el Signore* (a concordância é relatada em Chiara, *Scritti*, 186, nota).

⁷¹ Boccali, *Parole di esortazione*, 65. Embora alguma ressonância possa parecer questionável aqui e na *Legenda de Perugia*, a observação de



que *aiate discrezione* é quase implacável: ela não concede nada, é um lembrete severo da obrigação de “viver sine proprio” (Menichetti, *Riflessioni complementari*, 593).

⁷² Exceções a isso na Carta a toda a Ordem são a expressão “por medo ou amor de qualquer homem” (II,14), onde, no entanto, o significado é claramente negativo; e, mais adiante, a recomendação de que em “lugares” onde há vários sacerdotes, “um, por amor à caridade, deve se contentar em ouvir a celebração do outro sacerdote” (III,30), onde a especificação é corretiva ao termo básico.

⁷³ Cfr. Menichetti, *Riflessioni complementari*, 582-584.

⁷⁴ Menichetti, *Riflessioni complementari*, 581. Sobre a ausência de “discurso orgânico”, fala de forma mais geral Boccali, *Parole di esortazione*, 70; id., *Canto di esortazione*, 29.

⁷⁵ Ad XIV. Sobre esse tópico, veja mais informações em Paolazzi, *Lettura degli "Scritti"*, 123-128.

⁷⁶ LegsC 18.

⁷⁷ Cfr. LegM XII,1-2; Fior XVI.

⁷⁸ 1Cel 83.

⁷⁹ Mt 23,39 (e lugares paralelos). Francisco, de fato, não se esquece disso, na verdade, ele se detém sobre o assunto com atenção: «E amemos o nosso próximo como a nós mesmos. E se alguém não quiser amá-lo como a si mesmo, pelo menos não o prejudique, mas faça o bem» (2Lf IV,26-27).

⁸⁰ Lembre-se da exortação paulina: «Levai as cargas uns dos outros, para que possais cumprir a lei de Cristo» (Gal 6,2).

⁸¹ Condensa os dados Boccali, *Parole di esortazione*, 66-68.

⁸³ LegPer 45.

⁸⁴ Cfr. Fior VIII (mas veja também a redação mais arcaica e confiável, *Da verdadeira e perfeita alegria*).

⁸⁵ LegPer 47. A analogia entre as duas “consolações” foi observada pelo Pe. Feliciano Olgiati, em uma nota ao texto citado.

⁸⁶ 2Test 2-3.

⁸⁷ LegM VII,5.

⁸⁸ Rb VI,9.

⁸⁹ RegsC 12-14. Do “estilo da santa unidade” (modum sanctæ unitatis) fala a bula de aprovação da Regra de Clara. Sobre as dependências e novidades dos escritos e da Regra de Clara em relação à de Francisco, as observações de Matura em *Introduzione a Chiara, Scritti*, 35-76.

⁹⁰ LegM XIV,1.

⁹¹ LegPer 43. Em textos hagiográficos, o termo *certificatio* significa a garantia divina concedida a um santo sobre sua salvação pessoal.

⁹² 3Comp 23. O francês, naquela época uma língua com uma longa e comprovada tradição literária, é usado pelo recém-convertido Francisco em ocasiões especiais (como o pré-anúncio da vinda das “santas mulheres” em São Damião) e com uma função enobrecedora.

⁹³ Rnb X,3.



⁹⁴ 2Fi V,31.

⁹⁵ Ad XXIV.

⁹⁶ OP I,1.

⁹⁷ Fv 1. *A forma de vida* data dos anos 1212-1213. Sobre o mistério trinitário em relação a Maria e à Igreja, veja o esboço essencial oferecido por van Asseldonk, *Maria, sposa dello Spirito Santo*, 414-423.

⁹⁸ Proc III,20.

⁹⁹ 3CtIn 21-23.

¹⁰⁰ Rnb XXIII,9.



Pelo Senhor chamadas...

...a Mbarara, Uganda

“Ouvi Pobrezinhas” recomeço

Nossa generosa e querida equipe editorial do CTC nos ofereceu uma maravilhosa oportunidade de renovação em nossa vocação clariana, o que também é um desafio. Sugeriram-nos que fizéssemos da exortação de São Francisco a Santa Clara e às suas irmãs, um dos temas de estudo e reflexão para as nossas comunidades no triênio 2023-2025 para ressaltar o 8º centenário da sua composição.

Francisco, naquela época, estava no mosteiro de São Damiano. Sem dúvida, Francisco sabia o que emergia da comunidade das irmãs. Ele estava ciente de suas alegrias e desafios que nunca faltam em nenhuma comunidade. Assim, a sua preocupação especial pelas filhas levou-o a escrever-lhes esta extraordinária exortação: *Ouvi Pobrezinhas*.

Ouvi, preste atenção, é um chamado ao silêncio onde há confusão ou quando uma mensagem importante precisa ser comunicada. Portanto, esta primeira palavra, “*Ouvi*”, sugere que há uma mensagem importante a comunicar. São Francisco escreveu este texto de encorajamento para





lembrar a santa Clara e suas irmãs a beleza da sua vocação. Por isso esta exortação é muito querida para todas nós, Irmãs Pobres, porque nela percebemos a especial preocupação e o amor do pai pelas suas filhas. Francisco abriu o seu coração sublinhando o que sabemos e acreditamos ser o coração da vocação clariana. Somos Pobrezinhas seguindo o exemplo do nosso Pobre Fundador de Assis, que muitas vezes gostava de se definir: “o Pobrezinho”.

Providencialmente, no dia 9 de junho de 2023, as Clarissas do Mosteiro da Santa Igreja de Mbarara, Uganda, viveram o renascimento da *Canção*, graças à visita paterna do nosso Ministro Geral, Fr. Massimo Fusarelli com seus irmãos. Quem éramos nós para sermos consideradas dignas de tal visita!

Com os corações cheios de alegria e gratidão ao Senhor, o Doador de todas as dádivas, com canções e danças, chamamos o Irmão Sol, a Irmã Lua e todos os elementos da Mãe Terra para nos ajudar a dar glória a Deus por este momento precioso, quando os nossos Irmãos foram introduzidos no jardim do claustro, onde nos encontramos com eles por aproximadamente uma hora, porque não podiam ficar mais tempo.





Inútil será dizer que a alegria, as saudações e a troca de notícias sobre a Ordem foram o programa espontâneo da visita em espírito de liberdade. E por último, mas não menos importante, veio a gentil exortação de nosso irmão Massimo: “Irmãs, os tempos estão mudando e vocês estão trabalhando duro para sobreviver, mas, por favor, procurem sempre manter um equilíbrio entre oração e trabalho”.

Esta exortação trouxe à mente o *Ouvi Pobrezinhas* de nosso Pai São Francisco.

Nos 800 anos desde a fundação da nossa Ordem, não faltaram desafios às Irmãs Pobres, procurando ser autênticas seguidoras do modo de Clara seguir o Evangelho. Por isso o convite de s. Francisco para Ouvir se junta ao chamado de santa Clara para Olhar e Contemplar e ao convite de Jesus ao amor, à permanência no amor, no amor a Deus e ao próximo.

“Ouvir”, “Olhar”, “Amar” são as três colunas em que se baseia a nossa vida clariana, como um cavalete de três pernas em que cada uma fortalece a outra.



Gostamos de recordar como a nossa Mãe celeste Maria aprendeu a arte de *ouvir* com os ouvidos do coração; *contemplar* com os olhos de Nosso Senhor e de *amar* com os sentimentos profundos de Cristo.

Tudo pelo amor e glória de nosso Senhor que nos considerou dignas de viver com Ele.

Ir. Mary Elizabeth Tushabe osc

Reunidas de muitas partes e províncias...

...de Arundel, Grã Bretanha

Em 1772, a comunidade das Clarissas de Arundel fundiu-se com uma comunidade franciscana de clausura da Terceira Ordem Regular, fundada na Holanda no século XVII, para mulheres inglesas no exílio que se sentiam chamadas a um estilo de vida franciscano. Quando a situação se tornou mais segura, em 1794, regressaram a Inglaterra e em 1872, respondendo às exortações da *Perfectæ Caritatis*, pediram para se tornarem Clarissas. As dezesseis irmãs foram acolhidas em Arundel, onde se revelaram um presente incalculável para esta comunidade.

Da comunidade atual, nove irmãs entraram e permaneceram aqui, e doze vieram de outras comunidades de Clarissas, seja porque algumas dessas comunidades haviam fechado ou principalmente porque algumas irmãs não se sentiam mais em condições de permanecer na comunidade que tinham entrado. Ao acolhê-las, sabíamos que ninguém havia abandonado levemente a sua comunidade, mas se tratavam de escolhas ditadas pela falta de outras soluções. Essas doze irmãs trouxeram a formação e as tradições de dez comunidades diferentes. Além de tanta riqueza, as irmãs que entraram aqui e as que se transferiram para o nosso mosteiro incluem três viúvas e são originárias do Sri Lanka, Zimbábue, Nigéria, França, Portugal, Inglaterra, Irlanda, País de Gales e Escócia! Somos, portanto uma excelente mistura!

Ser um grupo tão heterogêneo acarreta muitos desafios: as nossas expectativas, a nossa formação, a “cultura” da nossa comunidade de origem fazem parte de nós e devemos tentar evitar comparações, aceitando antes as diferenças inevitáveis.



Algumas das irmãs chegaram com alívio, outras com um grande sentimento de perda, porque adoravam o modo de vida das suas comunidades e apenas cruzar a fronteira terrestre para o Reino Unido pode fazer com que você sinta que perdeu algo importante. Aquelas que suportaram muitas dores encontraram algum tipo de cura e o percurso que viveram as ajudou a se aproximar de Deus. Além disso, o passar do tempo e um olhar cuidadoso para o passado permitiram que algumas percebessem que carregavam consigo coisas boas das comunidades que escolhemos deixar, e esperamos poder viver esses valores aqui em Arundel. De qualquer forma, todas temos a possibilidade de continuar a viver segundo o nosso estilo de vida de Clarissas e vemos que mesmo as coisas dolorosas acabam sendo tocadas pela ressurreição.

Há muitos aspectos positivos em viver nesta “mistura”; obviamente percebemos que não existe uma boa maneira de fazer as coisas e que é possível sobreviver às mudanças e até ser uma bênção! Somos encorajadas a sermos nós mesmas, a falar franca e abertamente no Capítulo. Experimentamos as diferenças e tentamos não deixar que elas se transformem em divisões. Aprendemos que o perdão e a reconciliação são possíveis e nos aproximam. Todas podemos contribuir e caminhar rumo à unidade que todas desejamos. Podemos atingir um nível de partilha que inicialmente é um choque para as irmãs que vêm de outras comunidades, mas em pouco tempo elas passam a apreciá-lo. As dificuldades geradas pelas limitações da idade avançada e da doença são enfrentadas com tal disponibilidade que surge uma enorme gratidão em quem se beneficia desta magnanimidade. A comunidade aprendeu a dar espaço às diferenças na alimentação, no lugar onde as irmãs podem rezar melhor, naquilo que as ajuda a relaxar, garantindo, tanto quanto possível, que cada semana todas tenham um pouco de tempo “só para si”; sem falar no dia de descanso mensal, onde as irmãs podem simplesmente “relaxar e ter algum espaço”.



Sabemos que temos muito trabalho a fazer neste caminho rumo ao Reino e reconhecemos que o grande dom do Capítulo Conventual nos ajudará a avançar. É preciso muita coragem e energia para continuar a trazer as várias questões de volta ao Capítulo, à medida que as diferenças emergem, a dor transporece, mas invariavelmente a honestidade e a generosidade trazem sabedoria e cura. É o lugar onde podemos partilhar de coração o que é mais importante para nós, o que nos dá a oportunidade de discutir esta forma de viver que é preciosa para cada um.

As Irmãs de Arundel





...de Roma, Italia

“Ouvi pobrezinhas... que de muitas partes e províncias fostes chamadas”

É claro que quando o Pai São Francisco se dirigia assim à Clara e às primeiras irmãs que se reuniam com ela em S. Damiano, não imaginava o que e quantas estas “partes e províncias” poderiam tornar-se... o espírito profético que o animava viu “além”, como sempre!

É um exemplo disso – agora um entre muitos! – a nossa comunidade do mosteiro Santa Chiara em Roma, talvez mais conhecida como “mosteiro de Via Vitellia”. Durante décadas, a comunidade caracterizou-se pela presença de irmãs de diferentes nacionalidades: junto com o grupo italiano, mais numeroso, havia uma irmã nigeriana, uma alemã e até uma do distante Japão. A internacionalidade foi alimentada também pela passagem frequente de irmãs de toda a Itália, mas também de todo o mundo, que pediam hospitalidade, quando chamadas a Roma por diversas necessidades. Como não recordar, para citar o exemplo mais significativo, o acolhimento das irmãs da comissão internacional, aqui convocadas para colaborar na elaboração das Constituições gerais ainda em vigor? Um período de dois anos de convivência em que as irmãs entraram no ritmo da comunidade... e não poderia ser de outra forma, porque este é o estilo que sempre caracterizou "o mosteiro da via Vitellia": cada irmã que chega é uma irmã em pleno título, é percebida como tal e tratada como tal!

Ainda hoje na comunidade há irmãs da África (Nigéria), da Ásia (Vietnã e Filipinas), da Europa (Alemanha e Romênia); as irmãs italianas vêm, por sua vez, de regiões que vão do Norte ao Sul da Itália. E ainda hoje continua o acolhimento temporário de irmãs de todas as partes da Itália e do mundo, um dom precioso porque nos permite uma comparação contínua com as muitas facetas com as



quais o nosso carisma é vivido. E é realmente lindo reconhecerno-nos sempre como irmãs, unidas por aquela raiz invisível, mas indestrutível que é o carisma de Clara!

Um aspecto não secundário, para nós italianas, desta variedade de culturas que se entrelaçam no nosso quotidiano, é também a possibilidade de compreender como a nossa cultura é percebida por quem chega do estrangeiro... e assim descobrimos que para elas as “estranhas” da situação somos justamente nós.

Interessante - e muitas vezes até engraçado! – a discussão sobre aspectos práticos da nossa vida comunitária: a alimentação, a forma de viver a liturgia ou a celebração dos feriados, as relações com as famílias de origem, a gestão da saúde e em geral a relação com o próprio corpo... tudo pode se tornar um campo de troca de experiências, para enriquecimento mútuo e um alargamento dos espaços da mente e do coração. Não só os aspectos práticos, mas também os valores às vezes são percebidos e vivenciados com diferentes nuances: nuances, é verdade, mas sabemos bem o quanto essas nuances podem afetar nossas vidas, por isso muitas vezes é necessário nos esclarecermos mais profundamente, dedicar tempo ao diálogo, dedicando também tempo à oração para tentar entrar no mundo da outra!

No entanto, a diversidade é percebida por todas como um desafio positivo e uma oportunidade de crescimento. E quando falamos de diversidade referimo-nos a um vasto leque de alternativas possíveis, que dizem respeito não tanto e não apenas aos diferentes continentes, mas àquele mistério que cada uma de nós carrega dentro de si, inatingível até para nós próprias. E é assim que nascem laços fraternos sinceros e profundos entre irmãs de continentes diferentes, enquanto talvez o mundo da irmã que vem da mesma cidade que você permaneça misterioso! Se levarmos em conta que Francisco escreveu às irmãs que vieram todas de um raio de algumas dezenas de



quilômetros - a mais distante de Assis, a julgar pelos testemunhos do processo de canonização, é "Irmã Lúcia de Roma" -, que não seja que ele também se referia àquelas "partes e províncias" que habitam o coração do homem e às vezes tornam distantes aqueles que estão próximos e próximos aqueles que estão distantes?

A nossa comunidade está em Roma, a cidade eterna, onde sempre se encontraram as mais diversas culturas, onde se sente profundamente a universalidade da Igreja, onde é grande o desafio de acolher quem vem de longe e pede uma casa: aqui fomos chamadas, pela graça de Deus, e aqui procuramos diariamente, com paciência e esperança, ser semente de unidade na diversidade, fazer brilhar além dos muros do mosteiro um raio de luz que fala de comunhão, de fraternidade, de amor fraterno, de caridade sincera. E assim continue o precioso trabalho de Francisco e Clara, corajosos restauradores da Casa de Deus e do coração do homem.

As Irmãs de Roma, Santa Chiara





...de Bressanone, Italia

De muitas partes...

O título deste artigo é uma citação da exortação de São Francisco a Santa Clara e suas irmãs. Aparentemente, as irmãs de São Damião não vinham apenas das imediações de Assis. De onde vieram as primeiras irmãs de Bressanone e como exatamente ocorreu a fundação permanece um mistério; muito provavelmente, vieram do convento existente das Clarissas de Trento.

O nosso mosteiro em Bressanone foi mencionado pela primeira vez num documento em 1235. Foi um pequeno começo. O convento foi crescendo aos poucos. A forma atual do mosteiro e da igreja remonta à segunda metade do século XVII. Sob a direção do Ministro Provincial Franciscano, Pe. Rufin Laxner, ele próprio arquiteto, o mosteiro das Clarissas foi ampliado e parcialmente reconstruído entre 1663 e 1668.



Seguindo o modelo de São Damião, foi anexado à igreja um pequeno mosteiro, que foi estruturalmente modificado ou reconstruído em 1683. Hoje vivem neste pequeno edifício quatro frades vindos de quatro nações.

Está documentado que desde os primeiros tempos a comunidade era composta por irmãs que não vinham das imediações de Bressanone. Por exemplo,



em 1321 foi eleita Abadessa Ir. Peterzina, que veio de Rottenburg, Alemanha, cerca de 400 quilômetros ao norte.

Por razões geográficas e políticas, as irmãs do nosso mosteiro vieram sempre de “partes diferentes”. Por volta de 1450, o mosteiro foi reformado pelas irmãs de Nuremberg, Alemanha. Para consolidar a reforma, Ir. Barbara Freyding, do mosteiro das Clarissas de Nuremberg, foi abadessa por vários anos, começando em 1455. Posteriormente, todas as irmãs de Nuremberg retornaram ao seu mosteiro de origem.

Não só havia Irmãs que vinham “de muitas partes”: também Irmãs de Bressanone partiam para fundar outras comunidades ou para ajudar em outros lugares: por exemplo, em Friburgo na Brisgóvia, Alemanha; em Rovereto, Itália, em Merano, Alto Adige, em Hall in Tirol, Áustria. Muitos desses mosteiros foram fechados durante a Reforma ou suprimidos pelo imperador José II.





Como vingança, o arquiduque Sigismundo, o Rico, deu ordem para que as Clarissas de Bressanone deixassem imediatamente a cidade e o campo. Depois que os vagões que serviam para transportar o sal foram disponibilizados como vagões, todas as 31 irmãs tiveram que interromper o jantar recém-preparado e retirar as cinco irmãs doentes. Na noite de 25 para 26 de outubro de 1461, as Clarissas deixaram a cidade com oito carroças de sal e seguiram para o norte. Depois de uma viagem extremamente árdua, encontraram refúgio e alojamento em Pfullingen, na Alemanha. O exílio durou três anos. Durante este período, as Clarissas de Bressanone reformaram a comunidade de Pfullingen. Em 18 de novembro de 1464, 18 irmãs retornaram a Bressanone; oito irmãs já estavam mortas e cinco permaneceram em Pfullingen, Alemanha, para apoiar e consolidar a reforma local.

Nos 181 mandatos de abadessa listados até 2015, foram eleitas como abadessas 47 irmãs que não vinham das





imediações de Bressanone, mas da Áustria (Tirol do Norte, Alta Áustria); da Alemanha e da Eslovênia. Algumas destas irmãs foram eleitas diversas vezes ao serviço de abadesa.

Atualmente no mosteiro das Clarissas de Bressanone vivem irmãs de quatro comunidades, ao qual se juntaram as sete irmãs do suprimido mosteiro das Clarissas de Tesido, Alto Adige, em 1997-98. Em 2017, acolhemos cinco irmãs do suprimido mosteiro das Clarissas em Maria Enzersdorf, Áustria, fundado em 1964 pelo mosteiro das Clarissas de Scharnhorststrasse em Münster, Alemanha. Quando os mosteiros de Maria Enzersdorf, na Áustria, e Bressanone, no Tirol do Sul, foram unidos, duas irmãs fundadoras ainda viviam.

Atualmente em Bressanone estão reunidas quatro nacionalidades: das 14 irmãs atuais, nove são do Tirol do Sul, três vêm da Áustria, uma da Alemanha e uma da Suíça.



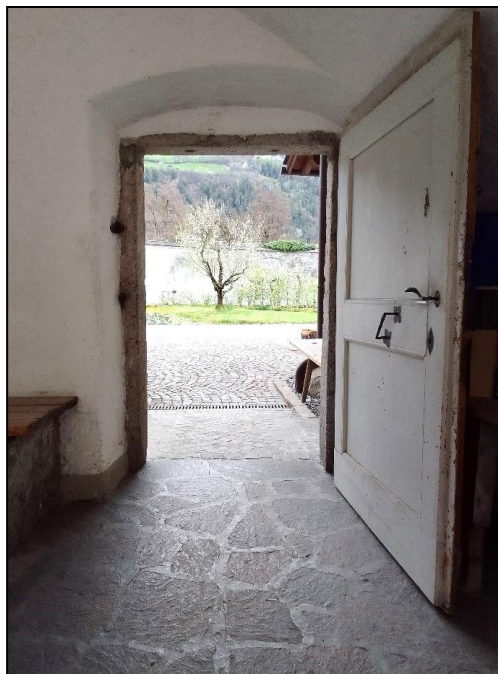


Entre aquelas que demonstram interesse pela nossa forma de vida, duas são da Áustria e uma da Suíça. Algumas mulheres do sul do Tirol também nos visitam, mas ainda são muito jovens, ou ocupadas, ou muito velhas!

O Alto Adige pertenceu à Áustria até 1918. Com o Tratado de Paz de St. Germain, em 1919, a área ao sul do Passo do Brennero foi atribuída à Itália. Em 1972, Alto Adige tornou-se uma província autônoma da Itália. Por razões históricas, o nosso Tirol do Sul é trilingue: alemão (69,4%), italiano (26,6%) e ladino (4,5%).

Somos gratas por viver nesta linda cidadezinha.

Ir. Helmtrude Klara, osc





...de Porto Alegre, Brasil

Completamos 70 anos de presença neste local escolhido por Deus pra estabelecer esta casa de oração no dia 30 de agosto, preparado com um ano jubilar com muitas celebrações e outros eventos.

Um pouco de história

O Pedido de Fundação partiu dos frades da Província São Francisco que enviou Frei Celso Brancher à Bélgica para fazer contato com as Irmãs da Federação Clara-Coleta a fim de saber quais as que Deus estava chamando para vir realizar a Fundação.

Depois de acolher o pedido, Irmã Maria Josefa, Irmã Maria Filipa, Irmã Maria Francisca e Irmã Maria Coleta iniciaram os preparativos para a partida em missão. Numerosas autoridades civis e religiosas acompanharam o momento do envio na Santa Missa celebrada no dia 16 de





julho de 1953. São momentos muito emocionantes e de fé para quem parte e para quem fica.

A Solenidade de despedida das Irmãs, caracterizou-se por três fases diferentes, conforme relato das crônicas:

A festa oficial de despedida à 18 de junho de 1953 no Instituto de Belas Artes São Lucas, com os artistas do celebre Quarteto Haydn de Bruxelas. Nesta oportunidade o Ministro de estado da Bélgica proferiu discurso oficial alusivo à comemoração onde destacou a importância da primeira fundação Belga no Brasil Meridional, reforçando o mérito da criação de um novo São Damião, nos extremos do imenso Brasil, em Porto Alegre. O Ministro apresentou ainda aos presentes uma imagem tocante do estado do Rio Grande do Sul, um estado 240 vezes maior do que a Bélgica mas onde é grande a falta de sacerdotes. É oportuno observar que um aspecto importante da vinda das Irmãs para o Brasil foi a questão do sacrifício pela santificação dos Sacerdotes. Sua oração e doação representam características fundamentais da missão.



....A despedida do mosteiro de Gand à 5 de julho do mesmo ano foi realizada com a Igreja lotada de pessoas que queriam dar o último adeus às missionárias: os representantes do Frades Menores da Bélgica, Abade do Beneditinos de Termonde, vários intelectuais e figuras conhecidas em geral.



Ainda explicou-se que o significado da partida que é sempre penosa, mas dá oportunidade de se retirar em seu interior e procurar primeiro o Reino de Deus. Neste rito de despedida, as Irmãs se prostraram diante do altar, enquanto o Padre Provincial entregou a cada uma das missionárias as Cruzes bentas cantando em seguida o hino oficial da partidas dos missionárias *Ave Maris Stella*. O ritual prosseguiu até a bênção final.

No embarque no aeroporto de Schiphol a 16 de julho um cortejo de automóveis trouxe as delegações integradas que eram as próprias Irmãs de Gand, Termond e Ecklo, as famílias religiosas e demais representantes e Superiores das Ordens. O avião decolou às 12hs seguindo para Genebra, Lisboa, África e Recife até a chegada no Galeão no Rio de Janeiro no dia 17 de julho.

Às 7 horas do dia seguinte embarcaram pela Varig para Porto Alegre com calorosa recepção no aeroporto da parte do Arcebispo Dom Vicente Scherer, autoridades Cívicas, religiosas, frades da Província São Francisco e muitas pessoas da cidade.

As Irmãs foram hospedadas no Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho das Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã por um mês até encerrar as obras de adaptação da nova casa que serviria de Mosteiro.

É importante verificar que a primeira missão belga no Brasil se deu no ano do sétimo centenário da morte de Santa Clara e para o significado do nome dado ao novo convento de Porto Alegre: São Damião. É o mesmo nome da primeira Igreja restaurada por São Francisco e local onde suas primeiras Irmãs foram se enclausurar. O Novo mosteiro, portanto, continuava o mesmo espírito franciscano ao longo do tempo.



Durante o tempo no Colégio, a Madre abadessa Maria Josefa e a Madre Vigária Maria Coleta visitavam as obras de adaptação da casa e também aproveitavam para aprimorar a língua portuguesa.

A Inauguração oficial deu-se em 30 de agosto de 1953, nesta casa antiga e reformada às 9 horas presidida pelo então Arcebispo Dom Vicente Scherer. Depois da visitação pública do povo durante o dia, deu-se a cerimônia de enclausuramento das religiosas num momento de muita emoção quando as religiosas joviais e sorridentes acenavam num gesto de despedida do mundo do qual se separavam para sempre ente as paredes daquela casa.

Este breve histórico está sendo feito num tempo de Jubileu de 70 anos de fundação completado no dia 30 de agosto de 2023.

Neste período, muito se tem a dizer da caminhada da comunidade que, sempre foi pequena em número, mas todas as que chegaram a Professar Solenemente perseveraram até o fim de suas vidas avançadas quando foram chamadas por Deus à vida eterna. Foi e é ainda história de um ótimo relacionamento e entre ajuda do Frades da Província que na época da fundação pertenciam a Minas gerais e mais tarde organizaram-se em província São Francisco no rio Grande do Sul.

Em 1983, para completar a presença das três ordens, foi fundada junto ao mosteiro uma fraternidade da OFS chamada Santa Clara e que alcançou a existência de 25 anos, desfazendo-se por falecimento de muitos membros e agregando os restantes à outra fraternidade. Foi uma fraternidade muito atuante, sobretudo na oração do Ofício Divino com as Irmãs e dois dias por semana de Adoração Eucarística na sede da fraternidade. Cada ano realizavam-se as Profissões no dia 17 de novembro, Festa de Santa Isabel da Hungria, padroeira da OFS.



Este Mosteiro sempre foi muito procurado por pessoas que buscavam acompanhamento espiritual, expor seus problemas e, sobretudo confiar as Irmãs suas intenções e de seus familiares. Até antes da pandemia esta foi a realidade, que automaticamente mudou e que lentamente vai e que lentamente vai recuperando este contato com o mosteiro. A frequência à Santa Missa diária e muito boa, apesar de um Estado bastante laicizado que contribui para a diminuição das vocações.

Importante partilhar este tipo de dificuldade para que ela se torne motivo de orações para quem ler este escrito, implorando que renasça o espírito de oração profunda e constante nas famílias.

Outro tema importante para nosso mosteiro é o que se segue.

Em 2018, a Igreja promulgou um documento chamado *Cor Orans* com normas novas para as comunidades do mosteiro femininos. A principal é que quando um mosteiro fica só com cinco irmãs professas solenes ou perpétuas, deve filiar-se com outro ou fechar. Não era o caso de São Damião de Porto Alegre, pois ainda contava com sete professas, porém idosas e enfermas. Muitas já haviam falecido. E então já em 2016, como precursora do Documento, foi pedido à Madre da Federação Sagrada Família das Irmãs Clarissas do Brasil, na pessoa de Madre Maria José da Rosa Mística, que constituísse um novo governo no mosteiro.

Assim, no dia 5 de julho chegaram as Irmãs do Mosteiro de Campina Grande para assumir o Mosteiro como novo governo. Como abadessa Irmã Maria Emanuela da Trindade, como vigária Irmã Chiara Maria do Pobre e Crucificado e como Discreta Irmã Maria Inês do Coração de Jesus. O Ministro Provincial da Província São Francisco na época Frei Inácio Dellazari levou à Sagrada Congregação



este projeto e então ela nomeou por três anos o referido governo e está sendo uma experiência muito abençoada. Depois de cumprir o período de nomeação 2016-2019, já se realizaram eleições normais na comunidade.



*Lembrança da Festa do Jubileu do Mosteiro São Damião.
Aparece a atual fachada com a atual comunidade.*



A comunidade conta com duas noviças de segundo ano e por enquanto não surgiram mais vocacionadas, uma vez que este Estado do Sul está com dificuldades na vivência religiosa e por isso as vocações se tornam raras. Mas o que sempre fazemos é rezar para que o olhar de Deus Pai Providente pouse sobre nós e nos dê essa grande graça.

Ao celebrar o Jubileu neste ano, realizamos a cada mês a celebração Eucarística com temas especiais alusivos aos acontecimentos presentes nas Crônicas. Foi muito rica esta experiência e a culminância mais rica ainda. Numerosos Sacerdotes presidiram as Santas Missas. Presença de Corais não faltou para animar e tornar mais vivos os cantos.

Ao celebrar nosso Jubileu, erguemos nossas mãos ao alto, para nosso Deus que em sua imensa misericórdia nos tem abençoado e ao lado das provações inerentes à vida humana, há um grande louvor pela obra dele em nossas vidas e quenão temos palavras para expressar.



Esta é a foto oficial do Jubileu onde todas as Irmãs da comunidade e visitantes estão juntas.



Só no júbilo do coração se entende tão grande amor que já vem há 70 anos se irradiando para todos os que já fizeram parte de nossas vidas e os que ainda fazem parte, porque vivem e nos ajudam a louvar a Deus no dia a dia.

Tivemos duas Santas Missas no dia da Festa Jubilar e estiveram presentes também Irmãos de Mosteiros mais próximos o que pra nós foi uma grande alegria. Duas Irmãs do Mosteiro de Cascavel no Paraná (Ir. Maria Fátima e Ir. Maria Rafaela); Duas do Mosteiro de Lages em santa Catarina (Ir. Maria Emanuela e Ir. Maria Inês) e três de Campina Grande (M. Maria Letícia, Ir. Maria Verônica e Ir. Maria Vitória).

As Irmãs de Porto Alegre



Convidamos as Federações que celebram suas Assembléias eletivas a enviarem-nos os nomes das irmãs eleitas e dos seus Mosteiros, para podermos publicar na nossa Revista e na *Acta Ordinis*.



◆ ***For your kind attention:***

Payment for the FONDO CLARISSE **only** BY TRANSFER:

◆ ***À votre bienveillante attention:***

Envoyer les **versements de votre contribution aux frais** de FONDO CLARISSE **par VIREMENT BANCAIRE:**

◆ ***Herzlich bitte ich darum,***

Spenden für die FONDO CLARISSE an das Officium Pro Monialibus **nur** über **Banküberweisung** zu tätigen:

◆ ***A vuestra amable atención:***

Os rogamos que enviéis las **aportaciones** para el Fondo de las Clarisas únicamente por **TRANSFERENCIA BANCARIA:**

◆ ***À vossa atenção:***

Favor enviar as **contribuições** para o fundo de solidariedade das Clarissas somente através de **TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA:**

◆ ***Alla vostra cortese attenzione:***

Inviare i **contributi** per il FONDO CLARISSE solo con **BONIFICO BANCARIO:**

Banca:	Banca Popolare di Sondrio Sede di Roma Viale Cesare Pavese, 336 - Roma
IBAN:	IT53E0569603211000004794X45
Intestazione:	Casa Generalizia ordine Frati Minori
BIC-SWIFT:	POSOIT22
Indirizzo del Beneficiario:	Via Santa Maria Mediatrice, 25 00165 Roma - Italia
CAUSALE	(Fondo Clarisse – Voce FFI)

OFM

ORDO FRATRUM MINORUM

Comunhão e Comunicação

Número 62 | Dezembro 2023